

velho de barro, que lhe deixavam cair aos pés no meio da rua, lá do alto da janella, quando o infeliz ia a sair da porta; ás vezes o projectil errava o caminho e acertava-lhe na cabeça... mas a intenção havia sido divertida, e por se não ter pontaria infallivel não se ficava prohibido de brincar.

Pobre aguadeiro! até esse elemento está por um triz a extinguir-se de todo entre nós! elle, que era sempre a besta de carga nos brinquedos d'este nosso bom povo, — elle que levava o bilhetinho da namorada, e que trazia a resposta escondida no bolso do inesgado colete, — elle que furtava no troco das despezas diarias os dez réis cheios de azêvre, destinados á sonogada compra da vella de sebo para a filha da casa ter luz com que por horas mortas pudesse clandestinamente escrever o sobredito bilhete, — elle, em summa, que se daria por muito feliz no meio de tudo isto se escapasse á graça de lhe pôrem um cabresto na cara e de o levarem ao chafariz a beber no tanque!

E as moças riam, que era um louvar a Deus!

Pela sua parte os rapazes despicavam-se tambem, que era um gosto; havia tal, que fazia chegar lá da rua um ovo puxado com força até ás alturas de um quinto andar: — e que viesse o *ginja* de algum velho imbirrar com a brincadeira! que viesse tomar satisfações ou chegasse á janella a ver quem seria o bréjeiro!... se não tinha logo uma saraijada de qualquer cousa a metralhal-o por todos os lados?!

Até as luvas velhas por aquelles dias passavam a representar utensilios d'alto valor. Enchia-se uma cousa d'essas, fosse com o que fosse, comtanto que fizesse peso; prendia-se depois a um cordel; e cá de cima, do balcão da janella, deixava-se cair de chofre sobre o chapéu novo de um pobre viandante

tinha sido puxado, e fossem lá muitas vezes adivinhar o auctor do brinquedo!

— «Bem me dizia minha mulher, que não saísse hoje com este chapéu; então, não querem ver que m'ó amolgaram?»

Aquella primeira amolgadura era o reclamo

grinaldas de flores e da voluptuosidade mysteriosa dos dominós, do ardor vertiginoso das valsas e da harmonia febricitante da orchestra rompendo em catadupas pelo festivo ambiente das salas, ressumasse um filtro de inebriante magia que por momentos nos adormentasse as

não lograva escapar o esteireiro, não escapava mesmo o boticario.

E livrasse-os Deus de que desconfiassem... porque, então, ficavam servidos!

Aquillo, sim, que era bom tempo! e fossem lá dizer-lhes que trocassem, a ver se queriam, pela desenxabida insipidez do carnaval d'hoje aquellas folgazãs *intrudadas* de que todos riam.

Hoje de todos esses brinquedos, que passaram, restam apenas as decantadas *danças* de cavallões e marmanjos vestidos de pastorinhas a bailarem entre os costumados arquinhos de flores ao som do classico apito — elemento essencial da ordem no programma de toda aquella brincadeira.

E adiante de todos vem o indispensavel velho de rabicho e cabelleira impoada, trajando comicamente segundo o gosto do seculo passado, fazendo trejeitos, deitando versos, e mirando lascivamente atravez de uma luneta colossal os incantos de quanta mulher formosa acode ás janellas.

Isto, e um certo gosto que tem o nosso povinho para se mascarar de turco ou para fazer folia embrulhado em qualquer farrapo velho, — eis quanto nos resta do carnaval puramente portuguez.

Afóra isto, o intrudo entre nós não tem senão os bailes de mascarar nos salões dos theatros.

Se ainda ao menos, em compensação, os perfumasse a embriaguez do delirio ou os esmaltasse o esplendor de um verdadeiro orientalismo!... se da phosphorescencia dos candelabros e do espumar do *champagne*, se das



PORTO — INCENDIO DEPOIS DO DESABAMENTO NOS GUINDAES,  
OCCORRIDO EM A NOITE DE 27 DE JANEIRO DE 1879

(Desenho do natural por Soares dos Reis)